REVISTA BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA | Vol 01, No. 02 | Jul/Dez/2013
Artigo recebido em 09/10/2013 / Aprovado 22/12/2013

Tom Dwyer*
Maria Ligia de Oliveira Barbosa**
Eugenio Braga***

ESBOÇO DE UMA MORFOLOGIA DA SOCIOLOGIA BRASILEIRA: PERFIL, RECRUTAMENTO, PRODUÇÃO E IDEOLOGIA

RESUMO
O artigo visa explorar algumas dos principais traços morfológicos dos cientistas sociais brasileiros. Esboça-se aqui um perfil do segmento acadêmico dos sociólogos, através de uma amostra de membros da Sociedade Brasileira de Sociologia, tendo sido os dados colhidos através de survey a ser respondido pela internet em 2009. Os dados indicam um segmento profissional predominantemente feminino, branco, com mais de 45 anos e renda bem acima da média nacional. Seis instituições nacionais concentram mais da metade dos doutorados feitos por esse grupo. Inseridos principalmente como professores e pesquisadores, os sociólogos também têm entradas diversas no campo profissional, destacando-se as atividades administrativo-gerenciais. Como profissionais, os sociólogos trabalham com toda a gama clássica de problemas e temas sociológicos.
Palavras-chave: Ciências Sociais; Sociologia no Brasil, Atuação profissional

Doutor em Sociologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (1978), pos-doutorado pela University Of Canterbury (1983) e pos-doutorado pela Cornell University (1990). Atualmente é professor titular do Departamento de Sociologia da Universidade Estadual de Campinas, líder do Laborátorio Interdisciplinar Informática e Sociedade (Unicamp), membro do Executive Committee da International Sociological Association (2010-2014). Foi presidente da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) 2005-2009. Vice Presidente (Latin America), Research Committe 34 - Sociology of Youth - International Sociological Association, 2006-2010. Tem experiência na área de Sociologia, atuando principalmente nos seguintes temas: sociologia do trabalho, acidentes do trabalho, sociedade de informacao, informati- ca e interdisciplinaridade.

*Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (1977) e doutora do em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (1993). Atualmente é professora associada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: desigualdades sociais, hierarquias sociais e profissões, politicas educacionais. Vice-Presidente para América Latina do RC04 - Sociology of Education - da ISA (International Sociological Association) 2010-2014 .Publicou "Desigualdade e Desempenho: uma introdução à sociologia da escola brasileira" e vários artigos sobre os temas de pesquisa

Mestre em Sociologia e doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é analista de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Investiga, principalmente, temas relacionados a Sociologia das Profissões e a Estratificação Social em convergência com a Metodologia da Pesquisa Social Empírica.

OUTLINE OF A MORPHOLOGY OF BRAZILIAN SOCIOLOGY: PROFILE, RECRUITMENT, PRODUCTION AND IDEOLOGY

Tom Dwyer
Maria Ligia de Oliveira Barbosa
Eugenio Braga

ABSTRACT
The article aims to explore some of the main morphological features of the Brazilian social scientists. We outlined a profile of the academic segment of sociologists, using a sample of members of the Brazilian Sociological Society, with data collected through a survey answered via the internet in 2009. The data indicate a largely female professional segment, white, with more than 45 years and income well above the national average. Six national institutions account for more than half of the doctorates made by this group. Inserted primarily as professors and researchers, sociologists also have several entries in the professional field, highlighting the administrative and managerial activities. As professionals, sociologists work with all the classic range of problems and sociological themes.
Keywords: Social Sciences, Sociology in Brazil, Professional Experience

ÉBAUCHE D'UNE MORPHOLOGIE DE LA SOCIOLOGIE BRÉSILIENNE : PROFIL, RECRUTEMENT, PRODUCTION, IDÉOLOGIE.

Tom Dwyer
Maria Ligia de Oliveira Barbosa
Eugenio Braga

RÉSUMÉ
L'article vise à explorer quelques uns des principaux traits morphologiques des sociologues brésiliens. On ébauche ici un profil du segment académique des sociologues par le biais d'un échantillon des membres de la Société brésilienne de Sociologie, auprès desquels les réponses furent recueillies via survey envoyé par internet en 2009. Les données obtenues indiquent un ce segment professionnel à prédominance féminine, blanche, de plus de 45 ans et au revenu nettement plus élevé que la moyenne nationale. Ses institutions nationales concentrent plus de la moitié doctorats élaborés par ce groupe. Insérés principalement comme professeurs et chercheurs, les sociologues exercent également des fonctions diverses dans le champ professionnel plus particulièrement dans les activités administratives et de gérance. En tant que professionnels, les sociologues travaillent sur toute une gamme de problèmes et de thèmes sociologiques.
Mots-clés : Sciences sociales ; Sociologie au Brésil ; Actuation professionnelle.

Tom Dwyer
Maria Ligia de Oliveira Barbosa
Eugenio Braga

ESBOÇO DE UMA MORFOLOGIA DA SOCIOLOGIA BRASILEIRA: PERFIL, RECRUTAMENTO, PRODUÇÃO E IDEOLOGIA

Uma olhada rápida na produção sociológica brasileira, feita de forma mais impressionista que propriamente analítica, produz alguma perplexidade. Usando os encontros da ANPOCS e da SBS como referência encontra-se um quadro que poderíamos classificar como quase amorfo exatamente pela ausência de uma estrutura teórica e metodológica que permitisse identificar o tipo de ciência social dominante. Uma simples listagem dos trabalhos apresentados nos diferentes grupos nos encontros das duas associações mencionadas chama a atenção para alguns dos traços dessa amorfia: do corpo aos sentimentos, a preocupação com o indivíduo parece dar pouca ênfase às regularidades das identidades individuais e aos seus traços propriamente sociais; opiniões individuais e individualizadas ocupam o espaço das representações coletivas e, mais grave, sob certo ponto de vista, dos próprios conceitos; malabarismos ideológicos aparecem travestidos de tendências sociais sem que se apresentem quaisquer dados empíricos mais substantivos e bem analisados. Em suma, como disse um pesquisador que não quis se identifi-

car, a sociologia brasileira está se tornando uma grande especialista na pesquisa sobre "a cor do umbigo da cobra gay de Madureira". De forma menos sarcástica, outros pesquisadores destacam a diluição da perspectiva científica da sociologia numa visão culturalista e relativista que teria reduzido enormemente a especificidade teórica e metodológica – para alguns outros também a qualidade – da sociologia brasileira[1].

Continuamente "em processo", a estrutura e a cultura que formam as Ciências Sociais brasileiras – envolvendo disciplina e profissão – não passaram por nenhuma nova crise nos últimos dez anos. Suas várias crises já foram hipotetizadas ou conceituadas anteriormente: somem-se a crise da universidade pública e do financiamento da produção científica, a falta de regulação do ensino privado, o mercado público de avaliações laudatórias, os obstáculos à inserção profissional, a falta de oportunidades para os pós-graduados, a falta de relação com a sociedade. Nos últimos anos, ao contrário, a principal força externa a esses dois sistemas de relações tem caráter expansivo a partir de sua inclusão no currículo do Ensino Médio, abrindo cargos e vagas no ensino, na produção bibliográfica, atingindo novas demandantes. De acordo com os dados do INEP, entre 2000 e 2011, a tendência é de estabilidade no número de alunos matriculados (aproximadamente 27 mil) e de declínio significativo no número de formados (de 4.300 para 3.400) em Ciências Sociais - licenciatura e bacharelado, excluindo as Relações Internacionais. O texto que segue pretende, ao sistematizar estas e outras fontes de dados, acompanhar algumas das transformações que estão se passando nas Ciências Sociais, seja em seu recrutamento, seu perfil institucional de formação, seja na valorização diferencial que os segmentos profissionais recebem.

Aqui não se trata de tentar "encaixar" diretamente a produção em seu substrato social (que tem idas e voltas: de um lado, os ingressan-

[1] Sobre essa questão, a entrevista de Fábio Wanderley Reis à RBCS (vol. 12, nº 35, outubro de 1997) é devastadora pelo quadro sombrio que ele desenha da sociologia brasileira, cada vez menos analítica, pouco afeita a discussões metodológicas e com caráter mais ideológico e descritivo.

tes-matriculados-concluintes serão produtores de conhecimento após alguns anos, e aí poderão ser verificadas como as alterações no recrutamento influenciarão, e, de outro, os atuais produtores se adaptam e buscam campos e áreas em mutação para posição de vantagem científica): a intenção aqui é de explorar o "corpo" e a "mente" da sociologia brasileira, ou ainda, usando um modelo clássico de análise, desenhar os traços morfológicos dessa ciência no país.

Essa exploração começa pelos números comparativos mais gerais sobre as áreas de conhecimento dentro do sistema de educação superior brasileira para, em seguida, lançar mais luz sobre uma parte de seus agentes e produtos para os quais temos dados recentes – o segmento acadêmico das Ciências Sociais, por meio de uma amostra de membros da Sociedade Brasileira de Sociologia.

Dados sobre o recrutamento e a produção de diplomados em todas as áreas, extraídos da série anual do Censo da Educação Superior do INEP, mostram o substancial crescimento de matriculados no ensino superior presencial (5.746.762 em 2011 contra 2.694.245 em 2000, ou seja, mais que o dobro de acréscimo) e ainda maior de concluintes. Dentro das grandes áreas, apesar das flutuações, as Humanas perderam apenas uma pequena parte de sua ampla maioria, e as Ciências Sociais, consideradas com seus cursos de licenciatura mas excluindo os de Relações Internacionais, perderam um pouco mais do seu já reduzido espaço dentro das Humanas (de 1,53% do total de matriculados em 2000 para 0,82% em 2011; de 1,94% dos concluintes em 2000 para 0,61% em 2011), sendo que não se percebe uma transferência clara para números relacionados à graduação a distância. Os casos mais representativos de grandes variações nas Humanas são a Administração, pela expansão de matriculados (de 18,9% a 27,7% no mesmo período) e de concluintes (16,1% a 30,1%), e a Economia, pela retração também tanto de matriculados (de 3,6% a 1,5%) quanto de concluintes (3,2% a 1,2%).

O que chama a atenção no caso das Ciências Sociais é a tendência de acréscimo na proporção de matriculados e concluintes em instituições públicas (respectivamente 53,8% e 36,8% em 2000 e 85,5%

e 76,4% em 2011). Esta tendência parece, à primeira vista, contrasensual, já que muito se discute a respeito da expansão das vagas pelo ensino superior privado na disciplina e das novas vagas abertas no ensino privado para a formação de professores de Ensino Médio após a inclusão obrigatória da Sociologia e da Filosofia nos currículos (primeiro pelo parecer do CNE em 2006 e em seguida pela Lei 11.684 de 2008[2]).

Mesmo considerando a infinidade de questões colocadas em pauta pelas situações descritas, nesse texto, o objetivo maior é o de caracterizar a sociologia acadêmica, que parece ser dominante no corpo profissional, mas que, por outro lado, possui uma produção que, pelo menos aparentemente, recusa delimitações disciplinares claras.

Composição e análise dos subgrupos profissionais

Os dados mais atuais trazidos por este texto apresentam um grupo particularmente "distinto" da profissão: a diretoria da SBS, na gestão 2007-2009, decidiu conhecer melhor um conjunto de aspectos (entre profissionais, pessoais, científicos, valorativos, etc.) de seus membros. Para isso, realizou um *survey* com todos os 911 associados no primeiro semestre de 2009. No formulário, preenchido via internet, constavam 39 perguntas, respondidas totalmente ou parcialmente por 477 dos seus membros. Baseados nessas respostas, tentaremos caracterizar, sob a ótica da sociologia das profissões, esta parte bem específica de nossa profissão. Isto porque, pelo que veremos em seguida, e pelo perfil geral da Sociedade, trata-se de um grupo predominantemente constituído por acadêmicos.

Além disso, a caracterização desse grupo profissional será realizada, onde couber, por comparação, pelas "diferenças", no intervalo

[2] Na verdade, a expansão do ensino superior brasileiro foi feita principalmente no setor privado e é objeto de intensos debates (ver os trabalhos de Helena Sampaio sobre o tema). No entanto, é inegável a importância desse setor na oferta de novas oportunidades educacionais, particularmente para os grupos de alunos com origem social mais modesta.

entre os resultados dessa pesquisa e aquela apresentada em Braga (2009), um *survey* com diplomados de Ciências Sociais da USP, Unicamp, PUC-SP e PUC-Campinas com foco nas suas trajetórias de trabalho dentro e/ou fora da profissão e na composição dos segmentos intraprofissionais. Aqui o desenho de pesquisa envolvia a localização dos formados a partir das listas de concluintes dessas quatro universidades entre 1970-2005. De cada cruzamento de década e universidade, eram selecionados aleatoriamente 45 nomes (como dois cruzamentos foram excluídos, o total chegou a 630 pessoas), procurados e contatados (359 localizados), e questionários enviados e recebidos anonimamente (total de 230 respostas). A abordagem anônima e o contato direto com todos almejava cobrir as variadas opções profissionais e aumentar a taxa de resposta daqueles que não trabalham, nem nunca trabalharam, na área.

Para efeitos de contraste, incluiremos aqui apenas as respostas dos 126 cientistas sociais dessa última amostra que exerciam, no momento da abordagem, atividades dentro de sua área de formação, enquanto acadêmicos, funcionários públicos, pesquisadores privados, assessores, coletores de dados, entre outros (utilizando uma codificação bem inclusiva do que está "dentro" da formação). Veremos, portanto, uma amostra de todos os subgrupos profissionais que efetivamente trabalham como cientistas sociais (denominação que inclui sociólogos, antropólogos e cientistas políticos) lado a lado com o segmento[3] formado pelos sócios da SBS. Nas diferenças entre as amostras (e a de cientistas sociais SP – como serão chamados os profissionais da amostra de Braga, pela sua origem escolar naquele estado – incluem os acadêmicos) espera-se encontrar indicações do diferencial de extensão dos atributos entre a parte e o todo.

As mulheres formam a maioria de ambas as amostras, tanto de membros da SBS (53,6%), quanto do grupo de cientistas sociais em atividade na sua formação (56,3%).

[3] É provável que alguns dos profissionais participantes na amostra de Braga também estejam presentes no *survey* da SBS.

Já no caso da idade, chama a atenção o fato de que mais da metade dos sócios da SBS têm mais que 45 anos (63,9%). Isso pode indicar que nossa profissão não anda muito atraente para os jovens ou que a SBS não tem sido capaz de mobilizar esses jovens para a Sociedade. Essa segunda hipótese ganharia força com os dados mencionados anteriormente sobre um crescimento recente de aproximadamente 100% no número de matrículas e de 150% do número de concluintes.

O perfil etário dos sócios da SBS, com uma idade média de 50,3 anos, é muito parecido com aquele dos formados em SP, com exceção do grupo com até 34 anos, bem mais representado na amostra paulista. Esse pode ser um indicador de que efetivamente a SBS está tendo dificuldades de recrutamento entre os jovens sociólogos.

Associado à idade mais elevada, encontramos também um percentual relativamente pequeno de profissionais solteiros/as. Verifica-se também que mais de dois terços (67,3%) dos sociólogos e sociólogas membros da SBS têm filhos (contra pouco mais da metade dos profissionais paulistas). Mesmo assim, é impressionante a semelhança entre os perfis familiares dos sócios da SBS e de seus colegas formados nos cursos paulistas.

Apesar desta última amostra representar apenas os formados de quatro universidades paulistas, os membros da SBS apresentam uma distribuição também com moda no Sudeste mas que parece refletir a distribuição nacional da população. A região Centro-Oeste, por sua vez, tem muitas universidades com cursos de Ciências Sociais, o que permitiria hipoteticamente encontrar mais associados nessa região.

Outro dado importante sobre o grupo social diz respeito à sua composição racial ou, como é usual no Brasil, a distribuição da cor da pele segundo as declarações dos respondentes. Quase três quartos (73,9%) dos membros da SBS e mais de quatro quintos (85,6%) dos diplomados paulistas declaram-se brancos.

Não se pode dizer que seja um dado surpreendente: somos uma profissão de brancos! Como sabemos, a entrada massiva de negros no ensino superior apenas começa no Brasil. Seria importante analisar aqui uma medida simples usada na sociologia da educação que

é a taxa de paridade: comparando-se a presença de brancos, pretos e pardos na população como um todo (para os dados da SBS) e da população paulista (para os dados de Braga), fica evidente a força do grupo de brancos entre os sociólogos. Na população brasileira eles são 47,7%, e 63,9% na paulista (dados do Censo 2010).

Ainda assim, estudos recentes indicam – e os dados sobre os membros da SBS convergem – o quanto os cursos de ciências sociais são mais abertos em termos sociais, acolhendo um público mais preto, mais pobre e mais periférico e que consegue chegar inclusive à pós-graduação, contrariamente ao que acontece em outras áreas (Bastos, 2004). Na verdade, nos cursos de Ciências Sociais de pós-graduação (Martins et al., 2002) foi possível encontrar filhos de pais analfabetos, um indicador importante do caminho de mobilidade social que existe na profissão de sociólogo e que se confirma em nossos dados.

A distribuição da escolaridade dos pais – um indicador de origem social – dos grupos de cientistas sociais aqui apresentados estão na tabela 1.

Tabela 1. Escolaridade dos pais dos respondentes (em %)

ESCOLARIDADE DOS PAIS	Membros SBS		Cientistas sociais SP	
	pai	mãe	pai	mãe
Analfabeto (ou semialfabetizado)	3,0	3,5	1,7	3,3
Ensino fundamental incompleto	23,7	24,4	22,5	32,5
Ensino fundamental completo	13,3	15,4	15,8	12,5
Ensino médio incompleto	5,2	6,1	---	---
Ensino médio completo	19,6	25,5	20,0	24,2
Ensino superior incompleto	2,8	3,0	1,7	5,0
Ensino superior completo	25,2	16,5	31,7	18,3
Pós-graduação	7,2	5,6	6,6	4,2
TOTAL[4]	100,0 (460)	100,0 (462)	100,0 (120)	100,0 (120)

[4] Nesta e nas demais tabelas, números totais de membros da SBS menores que 477 e de cientistas sociais profissionais menores que 126, quando referido a toda a amostra, indicam as respostas válidas, ou seja, retiradas as não-respostas a determinada questão ou a interrupção de preenchimento do questionário.

Aqui, mais uma vez, ressaltamos o padrão geral de semelhanças, apesar de diferenças importantes aparecerem em uma ou duas faixas; e apenas em uma das faixas houve inversão entre pais e mães nas duas amostras. Esses movimentos sociais ascendentes podem se expressar também no nível de rendimento encontrado entre os sócios da SBS e os formados em SP, apresentado na tabela 2.

Tabela 2. Renda dos respondentes[5] (em R$)

RENDA	Membros SBS		Cientistas sociais SP	
	mensal, na atividade principal	mensal, em todas as fontes de renda*	mensal, na atividade principal	mensal, em todas as fontes de renda*
Mínima	600,00	600,00	300,00	400,00
Máxima	20.000,00	25.000,00	12.000,00	15.000,00
Média	6.314,36	7.664,52	4.258,80	4.832,01
Desvio-padrão	2.801,09	3.825,87	2.421,29	2.869,00
N	422	423	124	124

Obs.: Valores em dólar foram convertidos em reais por multiplicador de 1,8. Quando mencionados dois valores, os cálculos foram realizados com a renda líquida, ou com o menor valor. * Quando não houve indicação de valor para esta variável, e na presença de resposta indicando apenas uma atividade remunerada, inclui-se para esta a mesma renda da atividade principal.

A diferença de rendimentos, principalmente médios, entre as amostras adquiriu interesse, pois contraria dados gerais que mostram que o estado de São Paulo tem os níveis mais elevados de renda do país. Uma possível explicação seria o fato do grupo de membros da SBS apresentar um perfil etário mais velho. Outra alternativa pode ser a concentração dos profissionais da SBS na academia, normalmente em universidades públicas, que garantem maiores rendimentos, talvez apontando para o *locus* da maior valorização para o profissional. Por outro lado, como a associação à SBS tem o título de mestre como requisito, e muitos profissionais de São Paulo não possuem este título, se trataria assim de um efeito da associação entre titulação e renda.

[5] Para uma ideia mais clara sobre o rendimento do grupo analisado, apresentamos no anexo I a distribuição dos indivíduos segundo o nível de rendimento. São apresentadas duas colunas, pois 17,7% dos membros da SBS e 22,2% da amostra de profissionais têm mais de uma fonte de renda.

Num país em que o PIB per capita não passa de R$ 16.920,00 anuais (dados de 2009), a renda familiar dos sociólogos indica uma posição social privilegiada. Mesmo na ausência de dados per capita comparáveis, os valores apresentados indicam que estamos diante de um quadro de profissionais que se classificaria facilmente entre as chamadas classes médias mais elevadas. Isto se traduz no próprio sentimento de bem-estar declarado pelos respondentes, que se localizam, majoritariamente (57,8% e 55,6% para SBS e paulistas, respectivamente) nos níveis superiores da escala proposta de bem-estar familiar (numérica, variando entre 1 e 5).

Outro detalhe interessante na descrição do grupo profissional dos sociólogos é sua filiação religiosa, apresentada na tabela 3. A marcada presença de profissionais que se declaram ateus ou sem religião seria o maior diferencial em relação ao conjunto dos brasileiros. Ainda assim, dados censitários indicariam que o grupo de pessoas que se declaram sem pertencimento religioso é o que mais cresce no país (de 0,2% no Censo de 1940 a 8,0% no de 2010; neste último, a proporção de católicos era de 64,6%).

Tabela 3. Religião dos respondentes (em %)

RELIGIÃO	Membros SBS	cientistas sociais SP
Sem religião, ateu, agnóstico	47,1	48,8
Católica	35,5	36,8
Espírita	6,5	6,4
Protestante	2,3	1,6
Budista	1,1	0,8
Judaica	0,6	0,8
Outras	6,9	4,8
TOTAL	100,0 (476)	100,0 (125)

Caracterização da formação dos sociólogos

Um grupo profissional define sua identidade inicialmente através do processo de socialização que, no caso das profissões superiores, ocorre primeiramente na formação universitária. Como mostra Magali Larson (1977), é através de uma formação relativamente unifi-

cada e uniforme que uma profissão desenha sua identidade coletiva, demonstrando para a sociedade que o serviço que cada um dos seus membros profissionais presta é similar ao trabalho que fazem os demais membros do mesmo grupo. Ou seja, a identidade de um grupo profissional organiza-se principalmente através do compartilhamento de formas específicas de ver o mundo, de definir os problemas da sua esfera de atuação e de agir sobre o mundo e buscar soluções para os problemas. A formação universitária seria o modo primordial de socialização profissional, feita em cursos especializados que garantiriam um conjunto de conhecimentos necessários à realização das tarefas que cabem a um grupo profissional na divisão social do trabalho.

É sob essa ótica que se explica o fato de que, em geral, são os cursos de graduação que definem as ocupações ou profissões. Nesse sentido, a primeira pergunta seria sobre a graduação dos sociólogos. No caso dos associados da SBS, apenas 73,0% dos respondentes têm diploma de graduação em Ciências Sociais. Isso porque o que caracteriza este grupo é a posse de um diploma de pós-graduação em Ciências Sociais. Já o grupo de cientistas sociais profissionais necessariamente possui esta graduação, e isto foi a base para a seleção aleatória dos respondentes da pesquisa. As questões mais importantes para este grupo são: quais outros cursos de graduação que frequentaram, a maior titulação recebida e em quais áreas.

Os dados sobre as instituições de socialização profissional evocam um panorama diversificado porém convergente, concentrando em algumas instituições – principalmente USP, UFRJ, Unicamp, UnB, UFPE e IUPERJ (somados 42,3% dos mestrados e 51,8% dos doutorados dos membros da SBS) em função do histórico de institucionalização dos cursos de pós-graduação – a obtenção da credencial de acesso à carreira acadêmica. Assim, em contraste às diferentes tradições-programas de pesquisa desenvolvidos nessas instituições, o fato de que são limitadas pode implicar, por outro lado, em semelhanças na formação do professor ou do pesquisador, no modo de se fazer da profissão acadêmica.

Isso também se relaciona com o fato de que, pelo menos em nossa disciplina, é na pós-graduação que a perspectiva de uma das possíveis identidades profissionais se firma, e se tornar "sociólogo acadêmico" se confunde com o "sociólogo profissional", em parte pelo limitado direcionamento profissional na graduação, em parte pela institucionalização mais antiga e centrada na pesquisa dos principais centros de formação.

Chama a atenção também a proporção de doutorados cursados ou em curso no exterior (16,5%). Dentre os membros da SBS que concluíram ou cursavam doutorado no momento da pesquisa (perto de 90% dos respondentes), mais da metade está especificamente na Sociologia, e outro quarto está em cursos de Ciências Sociais ou de Ciência Política ou Antropologia, separados ou em combinação com a Sociologia. Não são, portanto, exclusivamente mestres e doutores em Sociologia. Encontramos mestres ou doutores em Economia, Administração, História, Psicologia, Extensão Rural, Ciências do Solo, Direito e Arquitetura, entre outras áreas de conhecimento.

A Tabela 4 permite outra perspectiva sobre a formação acadêmica dos membros da SBS através da tabulação do percurso acadêmico realizado[6]. Na primeira parte temos a sequência educacional dos membros da SBS após a graduação (em Ciências Sociais e nas demais áreas). Do grupo de formados em Ciências Sociais, por exemplo, 76,8% cursaram mestrado na área. Na segunda parte apresentamos a sequência destes último grupo de mestres: 86,1% permaneceu na disciplina para o doutorado.

O os dados nos mostram é que, entre aqueles que cursam Ciências Sociais em um nível educacional, manter-se na área no próximo não é uma escolha automática, apesar dessa proporção aumentar entre a graduação e o mestrado. Esse seria mais um dos indicadores da fluidez da área e das dificuldades de consolidação de uma identidade profissional que seja consistentemente sociológica.

[6] Os casos de graduados em Ciências Sociais com uma segunda graduação foram incluídos apenas como graduados em Ciências Sociais.

Tabela 4. Percurso acadêmico (das áreas de conhecimento) dos membros da SBS

GRADUAÇÃO* >>>		MESTRADO		DOUTORADO	
Ciências Sociais	73,0% (343)	Ciências Sociais (e áreas separadas ou combinadas)	76,8%	Ciências Sociais (e áreas separadas ou combinadas)	81,5%
		Serviço Social, Educação, Políticas Públicas, Planejamento, Desenvolvimento e Meio Ambiente, Ciências Humanas, Comunicação, Demografia	12,9%	Serviço Social, Educação, Políticas Públicas, Planejamento, Desenvolvimento e Meio Ambiente, Ciências Humanas, Comunicação, Demografia	12,0%
		Outras áreas: Economia, Administração, História, Ciências, Saúde Pública, Extensão Rural, Psicologia, Filosofia etc.	10,3%	Outras áreas: Economia, Administração, História, Ciências, Saúde Pública, Extensão Rural, Psicologia, Filosofia etc.	6,5%
		TOTAL	100,0 (325)	TOTAL	100,0 (293)
Demais áreas	15,1% (71)	Ciências Sociais (e áreas separadas ou combinadas)	57,5%	Ciências Sociais (e áreas separadas ou combinadas)	73,5%
		Serviço Social, Educação, Políticas Públicas, Planejamento, Desenvolvimento e Meio Ambiente, Ciências Humanas, Comunicação, Demografia	19,6%	Serviço Social, Educação, Políticas Públicas, Planejamento, Desenvolvimento e Meio Ambiente, Ciências Humanas, Comunicação, Demografia	12,5%
		Outras áreas: Economia, Administração, História, Ciências, Saúde Pública, Extensão Rural, Psicologia, Filosofia etc.	22,9%	Outras áreas: Economia, Administração, História, Ciências, Saúde Pública, Extensão Rural, Psicologia, Filosofia etc.	14,0%
		TOTAL	100,0 (66)	TOTAL	100,0 (64)

* Alto número de casos "sem resposta" – 56 ou 11,9%, retirados sete casos em branco – se deve limitações do formato eletrônico, a ausência de resposta nestes itens foi tratada como inconsistente e retirada da análise.

MESTRADO	>>>	DOUTORADO	
Ciências Sociais (e áreas separadas ou combinadas)	76,8% (314)	Ciências Sociais (e áreas separadas ou combinadas)	86,1%
		Serviço Social, Educação, Políticas Públicas, Planejamento, Desenvolvimento e Meio Ambiente, Ciências Humanas, Comunicação, Demografia	9,0%
		Outras áreas: Economia, Administração, História, Ciências, Saúde Pública, Extensão Rural Psicologia, Filosofia etc.	4,8%
		TOTAL	100,0 (288)

Mas esse quadro – uma tentativa de reconstruir caminhos alternativos de profissionalização – merece mais atenção, pois mostra que, na verdade, considerando-se as Ciências Sociais de forma geral e não apenas a sociologia, o percurso típico do cientista social pode ser desenhado a partir daqui. Seria um profissional graduado em Ciências Sociais (três quartos deles), seguindo o mestrado (76,8%) e o doutorado (81,5%) na mesma área. Além dessa trajetória típica de formação, o mestrado parece funcionar como um catalisador de vocações para a área, fortalecendo mais ainda a proporção dos que completam o doutorado nas Ciências Sociais.

É importante perceber que esses dados referem-se aos sócios da SBS e configuram um perfil fortemente acadêmico, correspondente a um dos três sub-ramos profissionais analisados por Freidson (1998 e 2001). Essa trajetória pode ser bastante diferenciada se considerarmos os dois outros, técnico e administrativo gerencial. Também o crescimento da demanda por professores no ensino médio pode definir outros padrões de formação e carreira.

Nossos dados apontam que, proporcionalmente, no grupo de cientistas sociais profissionais, ter cursado ou estar cursando outra graduação ocorre com o dobro da frequência do que na amostra de membros da SBS (separados aqui apenas os formados em Ciências Sociais), seja como complemento da formação ou como estratégia de inserção no mercado de trabalho. Em ambos os casos, Direito é o curso mais frequentado pelos cientistas sociais/sociólogos.

Como consequência da maior proporção de dupla graduação, os cientistas sociais profissionais avançam menos na obtenção de titulação educacional de cunho acadêmico (como mestrado e doutorado) – quase 20% da amostra não cursou qualquer tipo de pós-graduações. Por outro lado, visto que este grupo inclui também o subgrupo dos acadêmicos, encontramos também uma alta proporção de doutores (ou alunos de doutorado).

Enquanto 95,5% dos membros da SBS cursaram ou cursavam mestrado, no grupo de cientistas sociais formados em São Paulo essa proporção alcança apenas 63,5%, principalmente – e aqui encontramos

uma informação significativa porque condizente com a diferença de perfil entre as duas amostras – a área de mestrado mais mencionada foi Antropologia. No caso do doutorado, anteriormente vimos que 77,4% dos membros da SBS cursaram ou cursavam uma formação nesse nível e, entre os cientistas sociais profissionais, encontramos 42,9%. As principais áreas estão dispostas na tabela 5.

Tabela 5. Cientistas Sociais SP: Principais áreas de mestrado e doutorado mencionadas (em %)

ÁREA DE POS-GRADUAÇÃO	Mestrado	DOUTORADO
Antropologia	26,3	22,4
Sociologia	23,7	20,4
Ciência Política	18,4	10,2
Ciências Sociais	2,6	24,5
Relações Internacionais	2,6	-
História	6,6	6,1
Educação	5,3	4,1
Demografia	-	2,1
Demais áreas	14,5	10,2
TOTAL	100,0 (76)	100,0 (49)

Caracterização da inserção no mercado profissional: onde e como eles trabalham?

Os sociólogos participantes da SBS são majoritariamente professores universitários, como vemos na tabela 6. Mas esse primeiro quadro descritivo da principal atividade dos sociólogos já indica uma imensa diversidade de entradas distintas no mercado de trabalho e que possivelmente configura trajetórias distintas para esses profissionais. Aparecem inúmeras e diferentes posições na ocupação, indicando um campo de trabalho pouco conhecido para quem restringe suas atividades ao mundo acadêmico.

Tabela 6. Atividade profissional principal dos membros da SBS (em %) – questão aberta

ATIVIDADE PRINCIPAL (ABERTA)	% Membros SBS
Professores universitários ou de ensino superior (também professor adjunto, aposentado colaborador, professores-pesquisadores)*	76,2
Professores do ensino fundamental e básico-tecnológico*	1,7
Pesquisadores (inclui auxiliares, assistentes e coordenadores de pesquisa)	3,3
Bolsistas (doutorado, pós-doutorado)	3,1
Funcionários públicos (inclui analistas, técnicos, tecnologistas e sociólogos)	4,7
Assessores (inclui assessores políticos, técnicos, de diretoria e de comunicação)	1,2
Consultores	0,5
Coordenação/gestão em instituições de ensino (inclui coordenação de curso e gestora de educação)	0,9
Aposentados (inclui professores aposentados)	4,9
Outros I: inclui formadora sindical, analista social em ONG, assistente social, conselheiro tutelar	0,9
Outros II: inclui magistrado, diretor científico, coordenador executivo de ONG, secretário executivo público e executivo da iniciativa privada	1,2
Outros III: inclui policial militar, empregado do setor de serviços, bancário, ministro de confissão religiosa, assistente administrativo	1,4
TOTAL	100,0 (425)

Obs.:Na codificação das respostas abertas, as menções a "professores, docência ou ensino, sem qualificações" foram cruzadas com os dados da Tabela 23 para distinguir "professores universitários" dos "professores de ensino fundamental e médio"

Antes de passarmos para os objetos, extremamente importante já que se trata de um conjunto de sociólogos com atuação acadêmica predominante, vejamos mais sobre os sujeitos, ao analisarmos as principais características apresentadas até aqui segundo a posição profissional.

Temos na tabela 7 uma síntese das características do profissional sociólogo, sócio da SBS. Se não temos clareza quanto à representatividade dos dados no plano nacional, principalmente devido à expansão e diversificação recente das atividades dos sociólogos, podemos desenhar um perfil razoavelmente seguro dos profissionais acadêmicos.

Assim, professores e, mais ainda, pesquisadores, são mulheres com aproximadamente 50 anos, majoritariamente formadas em Ciências Sociais e com doutorado na mesma área. Um detalhe que pode

ser interessante é que há mais brancos entre os pesquisadores do que entre os professores. A renda média nos dois grupos é quase idêntica e são formados nas seis instituições mais antigas no país.

Um outro grupo se desenha com os profissionais do sub-ramo administrativo gerencial, que são os gestores de instituições públicas e privadas. As mulheres formam uma maioria mais forte, são ligeiramente mais jovens e – um dado de destaque – são muito pouco presentes na região Sudeste, ao contrário dos demais grupos. Sua renda média é mais elevada e a renda máxima declarada é bastante superior aos demais.

Sobre os estudantes, o fato notável é que eles provêm, em maiores proporções, de outros cursos de graduação que não o de Ciências Sociais.

Quanto à relação com o ensino, chamam a atenção os profissionais que trabalham no ensino médio. Apesar de sua pequena presença numérica na SBS (apenas 12 casos em nosso *survey*), pode-se supor, devido à reintrodução da Sociologia no Ensino Médio, o seu crescimento como alternativa de profissionalização. Por outro lado, verifica-se que são sociólogos com rendimentos bem mais baixos que a média da categoria e(um dado que talvez explique isso) apenas dois terços deles estão cursando ou já completaram o seu doutoramento.

Tabela 7. Variáveis selecionadas segundo a atividade principal dos membros da SBS e segundo a relação da atividade com o ensino (em %)

Atividade principal (fechada)	Sexo (feminino)	Idade (menos de 44 completos)	Região (sudeste)	Cor de pele (brancos)	Renda mensal da atividade principal (máxima)	Renda mensal da ativ. princ. (média)	Grad. em Ciências Sociais	Dout. (concluído ou em curso)	Dout. em C. Sociasis (e áreas separadas ou combinadas)	Setor da ativ. Princ. (público)	Considera atividade como sociológica?	N*
Professor	51,4%	33,8%	47,7%	72,3%	15.000,00	6.381,36	72,9%	90,6%	80,6%	81,6%	79,0%	321
Pesquisador + Gestor de projetos de pesquisa + Técnico em pesquisa	58,2%	30,8%	46,3%	80,6%	15.000,00	6.373,02	70,1%	91,1%	83,4%	74,6%	82,1%	67
Estudante de pós-graduação	58,3%	83,3%	33,3%	75,0%	3.500,00	2.210,00	66,7%	100,0%	75,0%	91,7%	91,7%	12
Gestor de instituições públicas e privadas + Outras respostas	57,4%	46,3%	27,8%	75,9%	20.000,00	6.327,16	74,1%	72,3%	79,5%	64,8%	53,7%	54

Relação com o ensino	Sexo (Feminino)	Idade (menos de 44 completos)	Região (sudeste)	Cor de pele (brancos)	Renda mensal da ativ. Princ. (Máxima)	Renda mensal da ativ. Princ. (Média)	Grad. em Ciências Sociais	Dout. (concluído ou em curso)	Dout. em c. Sociais (e áreas separadas ou combinadas)	Setor da ativ. Princ. (Público)	Considera atividade como sociológica?	N*
Sim, com o ensino superior	53,3%	33,2%	47,0%	74,0%	15.000,00	6.428,89	71,7%	92,2%	80,4%	80,1%	80,7%	396
Sim, com o ensino fundamental e médio	50,0%	75,0%	33,3%	41,7%	6.000,00	2.992,73	83,3%	50,0%	66,7%	100,0%	41,7%	12
Não	53,3%	53,5%	28,9%	84,4%	20.000,00	6.169,20	75,6%	68,9%	87,1%	62,2%	51,1%	45
TOTAL	53,6%	34,7%	44,3%	73,9%	20.000,00	6.314,36	73,0%	88,9%	80,1%	78,9%	76,8%	477

*Ns não incluem eventuais casos "sem respostas" em um determinado subgrupo.

Já na amostra de cientistas sociais formados em SP encontramos (tal como o esperado) menor concentração de respostas na categoria de professor universitário e maior pulverização entre outras atividades no mercado de trabalho. Destacados estão os funcionários públicos e os pesquisadores (em qualquer setor). Este retrato da inserção profissional dos graduados em Ciências Sociais, apesar de limitado em sua abrangência geográfica, explicita a limitação – e o potencial – de uma associação vista como acadêmica. Mais da metade dos graduados em SP – onde se pode supor também uma inclinação mais acadêmica dos formados do que em outras partes do país – não trabalha em atividades relacionadas com o ensino superior (número que tende a crescer) e muitos estão em atividade técnica em empresas privadas (além dos professores).

Tabela 8. Atividade profissional principal dos graduados em São Paulo (em %)

ATIVIDADE PRINCIPAL (ABERTA)	cientistas sociais SP
Professores universitários ou de ensino superior	37,1
Professores do ensino fundamental, médio ou infantil	3,2
Bolsistas (iniciação científica, mestrado, doutorado)	6,5
Funcionários públicos (inclui analistas, técnicos, supervisores, diretores, coordenadores e sociólogos)	20,1
Pesquisadores (nas áreas pública, privada e em inst. sem fins lucrativos)	12,1
Técnicos especializados em empresas (analistas, gerentes, supervisores, etc.)	6,5
Técnicos especializados e dirigentes em instituições sem fins lucrativos	6,5
Consultores	5,6
Assessores (políticos e parlamentares)	1,6
Coordenação/gestão em instituições de ensino (inclui pró-reitoria)	0,8
TOTAL	100,0 (124)

Como se pode perceber pela tabela 8, encontramos dados que apontam que tanto o setor privado quanto o terceiro setor estão sub-representados na amostra da SBS. O setor público foi citado por aproximadamente dois terços (64%) dos cientistas sociais graduados em São Paulo como aquele da sua atividade principal. Apenas 8,8% deles declaram trabalhar no terceiro setor (por exemplo, ONGs) e 27,2% têm atividades no setor privado.

A comparação entre grupos, de acordo com a atividade principal, na tabela 9, mostra que os professores universitários são nossos pro-

fissionais mais bem pagos. Chama a atenção que 58,7% destes estão em universidades públicas, contra 81,6% dos professores de ensino superior da amostra da SBS. O grupo "demais atividades" (inclui técnicos especializados no setor privado e em instituições sem fins lucrativos e consultores), realizado quase que integralmente fora do setor público, é particularmente interessante: inclinado à maior participação de mulheres e não-brancos, tem a segunda maior renda média entre os respondentes.

Tabela 9. Variáveis selecionadas segundo a atividade principal dos graduados em SP (em %)

ATIVIDADE PRINCIPAL (GRUPOS)	SEXO (feminino)	IDADE (menos de 44 completos)	COR DE PELE (brancos)	SETOR DA ATIV. PRINC. (público)	RENDA MENSAL DA ATIV. PRINC. (máxima)	RENDA MENSAL DA ATIV. PRINC. (média)	N
Professores universitários	43,5%	41,3%	84,4%	58,7%	12.000,00	5.447,60	46
Bolsistas	62,5%	100,0%	75,0%	100,0%	2.124,00	1.357,40	8
Outros professores	75,0%	25,0%	100,0%	100,0%	5.000,00	2.350,00	4
Funcionários públicos + Assessores	48,1%	48,1%	92,6%	100,0%	10.000,00	4.098,00	27
Pesquisadores	80,0%	80,0%	86,7%	73,3%	6.000,00	3.300,00	15
Demais atividades	66,7%	45,9%	79,2%	8,3%	10.000,00	4.370,40	24
TOTAL	56,3%	50,8%	85,6%	64,0%	12.000,00	4.258,80	126

*Ns não incluem eventuais casos "sem respostas" em um determinado subgrupo.

Uma leitura interessante da perspectiva dos sociólogos membros da SBS sobre o próprio trabalho pode ser dada pelas respostas à questão fechada em que se pedia que classificassem sua atividade principal. A maior parte dos respondentes foi capaz de estabelecer essa classificação, definindo-se majoritariamente como professores (70,7%), mas com algum espaço para as atividades de pesquisador (13,9%). No entanto, chama a atenção o fato de que 7,5% dos respondentes não conseguiram "encaixar" sua atividade nas alternativas oferecidas. Será que não seriam capazes de perceber que um sociólogo que trabalha como consultor poderia estar, em grande medida, fazendo pesquisa?

Outra informação que abre caminhos para reflexão, ainda mais se consideramos que o setor privado de ensino superior cresce enorme-

mente nos últimos anos: trata-se do quase absoluto predomínio do emprego no setor público (78,9%), sendo a maior surpresa o reduzido número de profissionais no terceiro setor (2,6%). Como consequência do perfil acadêmico inerente ao tipo de associação à SBS, não se consegue atrair com a mesma intensidade aqueles mestres em Ciências Sociais em atividade fora do meio universitário público.

Por outro lado, é muito interessante verificar que existe um contingente significativo de sociólogos, sócios da SBS, cuja atividade não está relacionada ao ensino em qualquer nível. São quase 10% dos profissionais que responderam ao questionário e que têm atividades extremamente diversificadas sem relação com o ensino, reforçando a impressão dada na tabela acima sobre o mercado para o trabalho do sociólogo.

Mesmo assim, o associado típico da SBS é um profissional da academia, envolvido principalmente com atividades de ensino e alguma pesquisa. A diversidade de posições alternativas no mercado de trabalho seria um indicador de mudanças nesse padrão e que provavelmente precisará ser mais pesquisado.

Indo além dessa análise da posição dominante no mercado de trabalho entre os associados da SBS, procuraremos a seguir compreender os meandros da divisão propriamente técnica do trabalho sociológico. O primeiro dado interessante é que apenas uma parcela (76,8%) dos sociólogos considera seu trabalho como tendo um caráter eminentemente sociológico. Por outro lado, há uma afirmação da especialização temática, sendo que apenas 14% dos respondentes dizem não ter um tema específico de trabalho.

Tabela 10. Existência de temática predominante no trabalho dos membros da SBS (em %)

HÁ TEMÁTICA PREDOMINANTE?	membros sbs
Sim, sou professor(a) responsável por matérias ou disciplinas específicas	32,9
Sim, faço pesquisas sobre temas diversos, dentro de uma área	30,4
Sim, faço pesquisas principalmente sobre um tema específico	22,7
Não, sou professor(a) responsável por matérias de temáticas gerais e abrangentes	8,2
Não, faço pesquisas sobre temas diversos, segundo as necessidades e demandas da instituição em que trabalho	5,8
TOTAL	100,0 (450)

Uma boa pergunta nesse quadro seria o quanto essa especialização temática não descaracteriza o trabalho sociológico, produzindo um especialista sobre o tema X, e não um profissional capaz de analisar vários temas sob uma ótica específica, utilizando conceitos, métodos e técnicas característicos de um determinado campo científico. Pergunta-se aqui se não seria uma espécie de domínio do sujeito pelo objeto e que poderia ser vista como a entrada de uma nova perspectiva – multi, inter, pluri ou transdisciplinar – que modificaria a divisão técnica do trabalho tradicionalmente associada à disciplina.

A produção intelectual dos sociólogos

Constituindo principalmente o sub-ramo acadêmico da profissão dos sociólogos (segundo Freidson, aquele setor da profissão que seria encarregado da produção e do avanço do conhecimento na área), os membros da SBS apresentam indicadores de produtividade acadêmica naturalmente sobrevalorizados frente ao conjunto de todos os sociólogos. Na sequência, veremos detalhes sobre essa produção e, mais adiante, sobre as temáticas abordadas.

Tabela 11. Produção acadêmica dos membros da SBS *nos últimos dez anos* – 1ª parte

TIPO DE PUBLICAÇÃO	% de membros (N)	Número de artigos/periódicos identificados publicados nos últimos dez anos			
		3 ou mais	2	1	TOTAL
Artigos em periódicos nacionais indexados	77,4% (350)	52,8%	23,6%	23,6%	100,0%
Artigos em periódicos internacionais indexados	27,3% (120)	30,8%	19,2%	50,0%	100,0%

Quase 80% dos membros da SBS publicaram artigos em periódicos nacionais nos últimos dez anos e mais de um quarto deles publicaram artigos em periódicos internacionais. Adicionalmente, foi possível tabular as indicações de três artigos e identificar os periódicos (inviável nos casos em que o respondente apenas citou o título do artigo). Com essa estratégia, conseguimos identificar 525 artigos (sendo que a

maioria dos membros com este tipo de publicação – 52,8% – indicou pelo menos três) publicados em mais de 200 periódicos nacionais e os mais citados constam na tabela 12. O perfil de publicação mostra uma ativa e impactante participação dos membros na ciência nacional e um grupo restrito com inserção internacional.

Tabela 12. Periódicos nacionais indexados mais citados pelos membros da SBS

PERIÓDICOS NACIONAIS CITADOS	OCORRÊNCIAS	%
Revista Brasileira de Ciências Sociais (ANPOCS)	42	8,0
Dados (IUPERJ)	25	4,8
Tempo Social (USP)	23	4,4
Cadernos CRH (UFBA)	22	4,2
Sociologias (UFRGS)	22	4,2
Revista Estudos Feministas (UFSC)	13	2,5
Sociedade e Estado (UnB)	13	2,5
Cadernos de Saúde Pública (Fiocruz)	11	2,1
Educação & Sociedade (Unicamp)	11	2,1
Novos Estudos CEBRAP	9	1,7
Lua Nova (CEDEC)	8	1,5
BIB (ANPOCS)	7	1,3
Estudos Avançados (USP)	7	1,3
Revista Brasileira de Ciências Criminais	7	1,3
São Paulo em Perspectiva	7	1,3
Estudos de Sociologia (UFPE)	6	1,1
Mediações (UEL)	6	1,1
Revista Brasileira de Educação	6	1,1
Teoria & Sociedade (UFMG)	6	1,1
Demais periódicos (cinco ou menos ocorrências)	274	52,4
TOTAL	525	100,0

É interessante notar que essa lista corresponde quase que exatamente aos periódicos melhor qualificados no indicador da CAPES, o QUALIS.

Tabela 13. Periódicos internacionais indexados mais citados pelos membros da SBS

PERIÓDICOS INTERNACIONAIS CITADOS	OCORRÊNCIAS	%
Revista Crítica de Ciências Sociais	5	3,5
Revista Latinoamericana de Estudios del Trabajo	5	3,5
Sociologia – Problemas e Práticas	4	2,8
Cahiers du Brésil Contemporain	2	1,4
Daedalus	2	1,4
Estudios Sociológicos	2	1,4
EURE – Revista Latinoamericana de Estudios Urbano Regionales	2	1,4
International Journal of Sociology of Agriculture and Food	2	1,4
International Journal of Urban And Regional Research	2	1,4
Latin American Perspectives	2	1,4
Migrations Société	2	1,4
Philosophy of the Social Sciences	2	1,4
Prismas	2	1,4
Revista Iberoamericana de Educación	2	1,4
Revue du Mauss	2	1,4
Revue Tiers Monde	2	1,4
Sociología del Trabajo	2	1,4
Sociologie du Travail	2	1,4
Demais periódicos (uma ocorrência)	97	69,2
TOTAL	141	100,0

Já entre os periódicos internacionais citados no período, prevalecem os jornais europeus, sendo bem restrita a publicação em revistas norte-americanas. A atual política de forte incentivo à publicação internacional pode ajudar a abrir mais fortemente ao mundo acadêmico de todos os países a produção brasileira, que permanece muito local, como nos mostram esses dados.

Tabela 14. Produção acadêmica dos membros da SBS *nos últimos dez anos* – 2ª parte

TIPO DE PUBLICAÇÃO	% de membros (N)	Número de livros/capítulos publicados nos últimos dez anos			
		3 ou mais	2	1	TOTAL
Livros acadêmicos no Brasil	51,8% (227)	37,6%	27,4%	35,0%	100,0%
Capítulos de livros acadêmicos no Brasil	74,4% (325)	66,8%	16,6%	16,6%	100,0%
Livros acadêmicos no exterior	6,9% (30)	16,6%	26,7%	56,7%	100,0%
Capítulos de livros acadêmicos no exterior	27,8% (121)	39,8%	26,3%	33,9%	100,0%

Assim como os artigos, os livros e capítulos de livros são voltados muito fortemente para o mercado local. No entanto, neste item há maior participação dos sociólogos da SBS, sendo significativa a produção de capítulos em livros acadêmicos no exterior por mais que um quarto dos respondentes.

Tabela 15. Participação dos membros da SBS em eventos científicos *nos últimos dez anos* (em %)

PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS CIENTÍFICOS	membros SBS
Apresentação de trabalho na SBS	65,4
Apresentação de trabalho na ANPOCS	47,9
Coordenação de atividades (GTS, mesas, etc.) na SBS	22,6
Coordenação de atividades (GTS, mesas, etc.) na ANPOCS	14,1
Apresentação de trabalhos fora do Brasil	64,5

Essas informações sobre as apresentações de trabalhos em congressos e seminários parecem indicar ao menos duas tendências. Primeiro: a forte presença dos colegas nos seminários da SBS. Se isso se explica pelas políticas mais restritivas desenvolvidas pela ANPOCS, talvez possa indicar também que a dinâmica da produção científica na sociologia brasileira tenha se transferido para a SBS, onde se atinge um público mais amplo e tem-se, muitas vezes, maior amplitude de temáticas propriamente sociológicas.

Por outro lado, quando se verifica que mais que dois terços dos sociólogos da SBS apresentaram trabalhos em eventos internacionais, acende-se algum otimismo com relação às possibilidades de internacionalização da sociologia brasileira, uma vez que ao apresentar trabalhos as pessoas se expõem a um ambiente internacionalizado e suas apresentações podem se converter em publicações no exterior.

As temáticas trabalhadas pelos sociólogos

Nem todos os profissionais, dos 86% que responderam sim à pergunta sobre a existência uma temática substantiva predominante em seu trabalho, indicaram quais seriam estas temáticas. Ainda assim, é possível construir um quadro riquíssimo da produção brasileira,

onde dominam as temáticas clássicas, mas existe espaço para as novas formas e temas de pesquisa sociológica. É importante indicar que as respostas estão apresentadas aqui exatamente como foram definidas pelos respondentes, com uma agregação mínima para análise.

Tabela 16. Temáticas predominantes no trabalho dos membros da SBS (em %)

TEMÁTICAS PREDOMINANTES	membros sbs*
Sociologia Política (também Sociologia da Administração Pública, dos Movimentos Sociais, das Relações Internacionais, Sociedade Civil, Ação Coletiva, Organização Social e Comunitária, Cidadania, Participação, Democracia, Democracia Local, Estado, Políticas Públicas, Políticas Sociais, Teoria Política, Opinião Pública, Ciência Política)	15,1
Sociologia do Trabalho (também Mercado de Trabalho, Sindicalismo)	13,3
Sociologia da Educação (também Educação, Sistemas Educacionais Comparados, Antropologia da Educação)	11,0
Sociologia da Cultura (também Sociologia da Arte, do Cinema, da Literatura, da Moda, da Fotografia, Visual)	8,4
Sociologia Rural (também Transformações e Dinâmicas Rurais, Assentamentos Rurais, Antropologia Rural, Associacionismo Rural)	7,9
Teoria Social (também Teoria Sociológica, Pensamento Sociológico Clássico, Pensamento Social, Crise dos Paradigmas nas Ciências Sociais, Teoria de Pierre Bourdieu, Modernidade e Pós-modernidade, Sociologia Contemporânea, Globalização)	7,4
Sociologia da Violência (também da Criminalidade, do Conflito, Segurança Pública, Conflitos Sociais)	7,2
Sociologia Jurídica (também do Direito, da Punição, Controle Social, Criminologia, Administração da Justiça Penal, Ativismo Jurídico, Direitos Humanos, Direito Processual, Teoria Geral do Direito)	6,9
Sociologia Urbana (também, das Cidades, Planejamento Urbano e Regional, Dinâmica Urbano-Regional, Antropologia Urbana, Mobilidade Espacial e Urbanização, Urbanismo)	6,9
Relações de Gênero (também Gênero, Sexualidade, Família, Trajetórias Familiares, Feminismo, Escolha de Parceiros, Antropologia da Sexualidade)	6,6
Desigualdade e Estratificação Social (também Pobreza, Sociologia do Desenvolvimento, Questão Social, Realidade Brasileira, Classes Sociais)	6,1
Sociologia da Saúde (também Consumo de Psicofármacos, Exercício Profissional na Área de Saúde, Antropologia da Saúde)	5,1
Sociologia do Conhecimento e da Ciência (também Sociologia da Inovação, Ciência e Tecnologia)	5,1
Sociologia Geral (também Sociologia, Fundamentos de Sociologia, Introdução à Sociologia, Antropologia, História, Geografia)	4,1
Sociologia da Religião (também Religião, Ciências da Religião	4,1

Continuação

TEMÁTICAS PREDOMINANTES	membros sbs*
Metodologia das Ciências Sociais, Epistemologia das Ciências Sociais, Metodologia de Pesquisa Social, Métodos e Técnicas de Pesquisa (também Metodologia Quantitativa, Pesquisa Etnográfica)	3,8
Sociologia Ambiental (também Meio Ambiente, Política Ambiental, Unidades de Conservação, Conflitos Ambientais)	3,6
Sociologia da Juventude (também Envelhecimento, Infância, Adolescência, Relações entre Gerações)	3,6
Sociologia Econômica (também Economia e Ciências Sociais, Economia Solidária, Cooperativismo)	2,6
Pensamento Social Brasileiro (Sociologia Brasileira, Teoria Social Brasileira)	1,5
Ensino de Sociologia (também Formação de Professores em Ciências Sociais, Prática de Ensino de Ciências Sociais)	1,3
Outros temas: Sociologia das Profissões, dos Desastres, do Consumo, da Comunicação, da América Latina, do Esporte, do Futebol, do Lazer, do Turismo, do Corpo, do Movimento, da Imigração, das Populações, das Nacionalidades, das Organizações, dos Pequenos Grupos, da Ética, da Vida Cotidiana, no Ensino Médio, Histórica, Indígena, Psicossociologia, Anistia, Comportamento, Sociabilidades, Relações Interétnicas, Estudos do Imaginário, Representações Sociais, Usos do Tempo, Outras Sociologias Específicas, Aplicada, Aplicada à Administração, Energia e Sociedade, Discurso e Memória, Patrimônio Cultural, Antropologia do Turismo	12,0

Obs.: Codificação realizada a partir de questão aberta, aceita mais de uma resposta. Codificação por composições, por exemplo, tema "mulheres rurais" categorizado em "Relações de Gênero" + "Sociologia Rural";

Se alguns temas indicam claramente uma orientação docente para definição da pesquisa (Introdução à sociologia ou Ensino de sociologia), o fato de que desenvolvamos estudos teóricos (Teoria sociológica) ou ligados à sociologia da ciência podem ser indicadores de maioridade da nossa sociologia, que deixaria apenas de produzir exemplos para se aventurar na produção intelectual propriamente dita (Reis 1991). Também o fortalecimento da Sociologia jurídica parece indicar o retorno a uma parceria clássica da ciência social brasileira: os nossos grandes cientistas sociais, de Oliveira Vianna a Raymundo Faoro, e tantos outros, eram todos juristas de origem. Entretanto, esta Sociologia jurídica pode também estar associada não à pesquisa propriamente dita, mas à necessidade de publicação daqueles que ministram cursos acessórios de Sociologia para faculdades de Direito em instituições públicas e, principalmente, privadas.

Esse conjunto de dados permite colocar uma questão importante apresentada no início desse artigo: haveria mesmo um domínio da especificidade irrelevante e de uma perspectiva culturalista e pouco analítica? Os dados nos permitem afirmar, com certeza, que não. Os sociólogos brasileiros fazem pesquisas sobre os temas sociológicos clássicos e problemas sociais relevantes. Eles estudam a cidadania e o estado, as formas do trabalho, as desigualdades sociais, a violência, a religião.

Considerando o que foi visto anteriormente sobre as dificuldades de internacionalização das publicações e mesmo sobre o número restrito de artigos científicos publicados, podemos aventar a hipótese de que o conhecimento sociológico seja pouco e mal divulgado. Enquanto os economistas criam classes sociais a cada mudança no índice de Gini, os sociólogos precisam de (e fazem) estudos mais profundos e abrangentes para falar de um novo grupo social. E a mídia não tem muito tempo para esperar. Enquanto os antropólogos nos presenteiam com maravilhosos casos únicos ou interessantíssimos detalhes e noções sobre a vida privada, os sociólogos precisam construir tabelas chatas em que se evidenciam regularidades pouco charmosas das desigualdades sociais.

E isso não ocorre apenas na mídia, mas também na capacidade dos sociólogos para atrair bons alunos, no ensino de uma disciplina que exige rigor e paciência, conceitos bem trabalhados e metodologias complexas. Tudo isso dificulta a divulgação e expansão da sociologia, mesmo entre os cientistas sociais.

Uma breve introdução às hierarquias internas

Os dados apresentados a seguir são apenas uma amostra das questões que serão tratadas em outro artigo sobre os valores sociais vigentes entre os sociólogos. Parte essencial da identidade profissional do grupo, as informações aqui presentes serão usadas apenas para ajudar a compreender o sentido dado ao trabalho acadêmico e a sua importância na dinâmica da ocupação. Caracterizar essas percepções dos sociólogos é outro desafio que se coloca a partir dos dados das pesquisas da SBS e de Braga, que recobrem a temática.

Fazendo isso de maneira ainda muito exploratória e sem introduzir pesos ou associações das notas atribuídas com as posições de trabalho dos sociólogos, a Tabela 17 apresenta apenas a nota média atribuída pelos respondentes da SBS a cada tipo de atividade possível aberta aos cientistas sociais.

Tabela 17. Hierarquias entre as posições no mercado de trabalho para sociólogos segundo os membros da SBS

Posições no mercado para cientistas sociais	1	2	3	4	5	Mediana	Desvio-padrão	MÉDIA N=401
Político	6,7%	9,7%	17,0%	27,2%	39,4%	4	1,238	3,83
Dono de empresa de pesquisa ou consultoria	4,7%	7,0%	22,9%	39,9%	25,4%	4	1,061	3,74
Empresário da área de opinião pública ou de marketing político	4,0%	10,0%	24,2%	32,9%	28,9%	4	1,104	3,73
Professor em universidade pública	1,7%	6,2%	36,7%	37,9%	17,5%	4	0,902	3,63
Cargos políticos ou de confiança em instituições públicas (assessoria em câmaras legislativas etc.)	4,2%	9,7%	28,2%	37,9%	20,0%	4	1,045	3,60
Pesquisador acadêmico	1,5%	10,7%	38,4%	34,2%	15,2%	3	0,928	3,51
Analista de temas políticos e sociais nos meios de comunicação de massa (jornais, televisão etc.)	3,0%	9,5%	35,7%	38,9%	13,0%	4	0,938	3,49
Consultor	2,5%	9,2%	39,4%	40,4%	8,5%	3	0,867	3,43
Editor ou redator de conteúdo em meios de comunicação especializados (revista de divulgação, periódico)	3,5%	15,0%	44,6%	30,9%	6,0%	3	0,892	3,21
Analista de dados e pesquisador em instituições governamentais	3,0%	19,5%	47,1%	27,4%	3,0%	3	0,839	3,08
Assessoria em organizações não-governamentais	2,5%	20,2%	54,6%	19,7%	3,0%	3	0,787	3,00

Continuação

Posições no mercado para cientistas sociais	1	2	3	4	5	Mediana	Desvio-padrão	MÉDIA N=401
Funcionário público, por concurso (exceto professores), como profissional. de qualquer carreira de nível superior	5,0%	27,7%	49,1%	16,7%	1,5%	3	0,820	2,82
Funcionário público, por concurso (exceto professores), como profissionais de Ciências Sociais	3,7%	31,4%	47,6%	15,5%	1,7%	3	0,806	2,80
Analista de dados e pesquisador em empresas	5,2%	28,4%	49,9%	15,0%	1,5%	3	0,813	2,79
Professor em universidade particular	6,0%	29,4%	45,4%	17,7%	1,5%	3	0,854	2,79
Assalariado da área de opinião pública ou de marketing	8,7%	29,9%	44,9%	14,7%	1,7%	3	0,884	2,71
Assessoria em sindicatos de trabalhadores	7,0%	39,4%	40,6%	12,0%	1,0%	3	0,824	2,61
Assalariados de nível intermediário em empresas (recursos humanos, planejamento etc.)	8,0%	35,7%	46,6%	8,7%	1,0%	3	0,798	2,59
Professor em cursos temporários de curta duração	15,0%	39,2%	34,9%	9,5%	1,5%	2	0,909	2,43
Professor para ensino médio (em aulas de sociologia)	28,7%	46,6%	18,0%	5,2%	1,5%	2	0,900	2,04
Professor para ensino médio (em outras disciplinas)	30,4%	50,1%	14,2%	4,0%	1,2%	2	0,847	1,96
Entrevistador, pesquisador de campo, coletores de dados	38,7%	42,6%	12,7%	3,5%	2,5%	2	0,931	1,89

Note-se que o que é considerado mais prestigiado é o político. O professor universitário vem apenas em quarto lugar! E, reconhecidamente, quem tem menos prestígio é o entrevistador, coletor de dados. Aqui entramos nas hierarquias internas à profissão. Esses extremos colocam pelo menos duas questões: se o mais apreciado dos sociólogos é aquele que exerce atividades políticas (efeito Fernando Henrique Cardoso?), é razoável indagar sobre a noção de posição social

utilizada pelos profissionais entrevistados. Como o segundo e o terceiro lugar foram ocupados pelos empresários e donos de empresas de opinião pública (uma duplicidade intencional para verificação de consistência), reforça-se a ideia de uma certa subordinação da visão dos sociólogos ao senso comum. Mais que valorizar a produção científica e acadêmica, o que poderia evidenciar uma autonomia de julgamento quanto ao funcionamento do próprio grupo, prestigia-se a atuação fora do espaço acadêmico. Além disso, os profissionais que, principalmente dentro das empresas, fazem a pesquisa empírica trabalhando como entrevistadores são muito desprestigiados e aqueles que trabalham como analistas de dados e pesquisadores em empresas não ficam em situação melhor. Aparentemente, os sociólogos não dão grande valor à pesquisa empírica, pensando sempre na pesquisa acadêmica como uma reflexão ou como trabalho intelectual que não "põe a mão na massa". Ou quem sabe a pesquisa acadêmica seria base de um trabalho político? A não ser que se considere que as respostas avaliam não a importância efetiva do trabalho para o desenvolvimento do grupo profissional, mas que elas refletem apenas a avaliação feita externamente ao grupo pela sociedade. Cabe perguntar, como nos estudos clássicos sobre prestígio, qual é a base da sua definição do sucesso segundo esses profissionais: sucesso no mercado ou maior expertise profissional?

Conclusão

O quadro traçado a partir desses dados é bem mais otimista que as questões que originaram o estudo, mesmo considerando que problemas importantes também foram desenhados. A profissão dos sociólogos ou das sociólogas (elas têm uma ligeira maioria) vista de sua associação é um conjunto de profissionais maduros, brancos em sua imensa maioria, distribuídos por todo o país e relativamente estável em seu recrutamento.

A expansão geral do ensino superior dos últimos dez anos favoreceu as Ciências Sociais, mas talvez a diversificação coloque alguns

problemas. É o caso das dificuldades do grupo em lidar com os professores do Ensino Médio, formados especialmente nas novas licenciaturas oferecidas em Ciências Sociais.

Essa questão tende a se tornar mais expressiva quando vista como parte dos processos de democratização do ensino superior. Nossos dados, assim como pesquisas anteriores, mostram que a trajetória dos cientistas sociais é um caminho importante de mobilidade social ascendente através da escolarização. As informações sobre os pais dos profissionais da área, em que encontramos inclusive analfabetos com filhos doutores, ou a crescente presença de negros e pobres entre os alunos são indicadores da maior igualdade relativa de oportunidades e da abertura dos cursos de Ciências Sociais. A pergunta que não conseguimos trabalhar com dados neste artigo é: serão estes os que ocuparão as posições mais desvalorizadas da profissão?

Como profissionais, os sociólogos trabalham com toda a gama clássica de problemas e temas sociológicos. Verifica-se não apenas a diversidade temática como também a busca de inovação, acompanhando os avanços da ciência no plano internacional. No entanto, e talvez esteja aqui a razão de uma das questões colocadas inicialmente, se temos qualidade na produção científica ainda, carecemos de melhor e maior divulgação, faltando maior quantidade e qualidade de publicações e, sobretudo, maior internacionalização.

O sociólogo "ideal típico" parece aproximar-se fortemente do modelo do intelectual clássico: a atividade política é a mais prestigiada e o trabalho acadêmico aparece em seguida. Uma das razões, além dessa classificação explicitamente construída pelos colegas, que faz reforçar a ideia do sociólogo não como um técnico, mas como intelectual, é a desvalorização das atividades como entrevistar ou analisar dados, bases essenciais da pesquisa empírica propriamente dita. A pesquisa acadêmica, constituinte essencial da identidade do grupo analisado, tem outra posição, outro valor. Ela é mais um trabalho intelectual e político do que esforço científico e analítico.

REFERÊNCIAS

BASTOS, A. P. B. L., **Herdeiros ou sobreviventes**: mobilidade social no ensino superior no RJ, dissertação de mestrado apresentada ao PPGSA/UFRJ, 2004.

BRAGA, E. C. F. **Composição e posições ocupacionais para uma outra sociologia dos cientistas sociais**, tese de doutorado em Ciências Sociais apresentada ao IFCH/Unicamp, 2009.

FREIDSON, E. **Renascimento do Profissionalismo**, São Paulo, EDUSP, 1998

FREIDSON, E.: **Professionalism the third Logic:** On the practice of knowledge, Chicago,.The University of Chicago Press, 2001.

LARSON, M. S.: **The rise of professionalism**, University of California Press: Berkeley, 1977.

MARTINS, C. B.; VILLAS BÔAS, G.; BARBOSA, M. L. O.; MAGGIE, Y., "Mestres e doutores em sociologia" in VELLOSO, J. (org.), **A pós-graduação no Brasil:** formação e trabalho de mestres e doutores no país, Brasília: Ed. CAPES/UNESCO, 2002, PP. 343-372.

REIS, F. W. O Tabelão e a Lupa: Teoria, Método Generalizante e Idiografia no "Contexto Brasileiro". **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 06, n.16, 1991.

Anexo I. Faixas de renda dos respondentes (em R$)

FAIXAS DE RENDA	Membros SBS		cientistas sociais SP	
	mensal, na atividade principal	mensal, em todas as fontes de renda*	mensal, na atividade principal	mensal, em todas as fontes de renda*
Até R$ 2.000	6,2	4,5	21,0	17,7
Entre R$ 2.001 e R$ 4.000	14,4	11,1	33,9	31,5
Entre R$ 4.001 e R$ 6.000	34,6	25,3	27,4	25,0
Entre R$ 6.001 e R$ 8.000	23,9	24,1	10,5	14,5
Entre R$ 8.001 e R$ 10.000	12,8	14,4	6,5	7,3
Entre R$ 10.001 e R$ 12.000	5,0	7,6	0,8	3,2
Mais de R$ 12.001	3,1	13,0	----	0,8
N	422	423	124	124

Obs.: Valores em dólar foram convertidos em reais por multiplicador de 1,8. Quando mencionados dois valores, os cálculos foram realizados com a renda líquida, ou com o menor valor.

* Quando não houve indicação de valor para esta variável, e na presença de resposta indicando apenas uma atividade remunerada, inclui-se para esta a mesma renda da atividade principal.

Artigo recebido em 09/10/2013 / Aprovado 22/12/2013